

Ler um país

José Cardoso Pires fez parte da embaixada de escritores portugueses que, em São Paulo, Brasil, trocou experiências e conhecimentos com intelectuais e artistas, professores e estudantes daquele país.

Da «peregrinação» nos dá conta o escritor, nestas notas de viagem. «Estamos nas vésperas de um face-a-face renovador com o Brasil...», anuncia.

Durante quase meio século o salazarismo exportou para o Brasil uma imagem de Portugal que era historicamente messiânica, ideologicamente ridícula e intelectualmente vazia, e que acabou por consagrar o país como um preconceito desinteressante no mapa contemporâneo. Durante todos esses anos de oficial masturbação criaram-se convênios de letra morta, negociaram-se púlpitos literários, praticou-se inteligência de repartição. Caciques também não faltaram e de comenda analfabeta, a mais patriótica. Comemorações, idem, foi um ver se te avias. Boletins chatérrimos e editoriais subornados, nem vale a pena contar. Numa palavra, o onanismo colonialista que era o daqueles tempos da Política dita do Espírito pavoneava-se de velas enfunadas por Terras de Vera Cruz a semear o abstracto.

Mercado cultural nenhum. Projecto e futuro nem pensar. E como a literatura que o Governo recomendava ou era de mortos ou não era de ler, a imagem que ficou de Portugal foi a de um país de museu, uma curiosidade retórica.

Laus Deo.

Agora vemos o resultado dessa política de desastres no desapareço e na ignorância que tende a generalizar-se nas novas gerações do Brasil em relação à nossa realidade. A emigração radicalizou-se, toda a gente sabe. Os filhos cresceram brasileiros, indiferentes às arengas saudosistas da pátria-avó. Entre os dois países irmãos a distância aumentou e já nos separa «tanto mar» (como na canção de Chico Buarque) que temos de criar novas rotas para nos fazermos descobrir inteiros e no corpo contemporâneo que realmente somos.

Quer-me parecer que para isso é essencial repensar, logo à partida, o português do Brasil dentro do perfil moderno do país que o recebeu. O discurso dos velhos (do Estado Novo) não o seduz, nunca o seduziu afinal. Embalá-lo com paternalismos de caravelas e pastorinhos pode ser estaticamente comovedor mas só lhe traz humilhação (e a todos nós) perante a sociedade dinâmica onde vive e

dos filhos que a ela pertencem. O sentimentalismo histórico e o folclore político são as armas dos desesperados.

Ler o país

Eles, os do Antigamente, sabiam que a língua é o grande capital da nossa presença no Brasil, o traço privilegiado de todas as alianças. Sabiam mas queriam-na totalitária, dominada pelo dirigismo cultural e pela censura de influências. Acreditavam que era possível enaltecer a língua calando o livro.

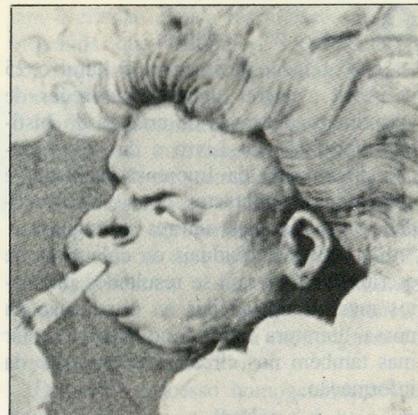
Claro que a inteligência brasileira não se conformou, era o que faltava. Apesar do desapoio das instituições portuguesas, o Ensino promoveu uma leitura quase à revelia do nosso país, mais ampla e mais livre do que aquela que se fazia aqui e que era tolerantemente compassiva. Não esqueçamos: muitos dos escritores segregados pela Universidade de cá foram então (e continuam a ser hoje) temas preferenciais da Universidade brasileira e grande parte das teses académicas produzidas sobre o romance e a poesia portuguesa de agora vem dos centros pedagógicos do outro lado do Atlântico.

E agora?

Vencer um passivo como este que nos foi herdado não é tarefa para um só governo e nem talvez para uma geração. Entretanto, de Fortaleza a Curitiba, em cada Universidade e em cada colóquio ou entrevista, perguntam-nos: e agora que o fascismo acabou em Portugal?

Querem saber da nova literatura, é isso que lhes interessa. Querem ler o país ocultado e mentido e o que dele renasceu. Mas falta-lhes o livro, que é ainda um instrumento de acesso difícil e que envolve complexas operações de distribuição num território tão vasto e tão diversificado. Isso tem a ver com uma revisão da política cultural, bonificação de taxas aduaneiras, leis do comércio — o livro é também toda essa conjuntura. Mas que livro?, pergunto.

Sem a presença dos autores de hoje no mercado brasileiro o ensino do português



é forçado à rotina historicista e desmotiva os alunos — dizem os professores. Alguns vão mais longe, entendem que é urgente inverter a ordem curricular dos cursos, começando pela literatura de agora, e fazem disso um ponto de agenda no próximo «Encontro de Professores» na Fundação Gulbenkian. De qualquer modo, o que uns e outros procuram é actualizar a leitura do discurso português na verdade e na imaginação que ele contém. Só assim será possível superar as ameaças de extinção que pesam sobre o ensino da nossa literatura no Brasil e que dia a dia se tornam mais evidentes — ah, sim, mais determinadas.

Literatura, país real

No mundo de hoje o prestígio internacional duma literatura tem muito a ver com o prestígio do país que a produz, ou seja, com o seu significado no mundo contemporâneo. Bertram Gross (*The State of the Nation*) chamou a isso «expressão de identidade» e é aí que estão englobadas as forças de tradição que singularizam uma unidade política e cultural nas sociedades envolventes. Mas também não é possível falar da expansão da literatura sem falar em imagens de suporte: o teatro, o filme, a música, o desporto perfazem no conjunto um perfil conceptual dum país que predispõe ao livro e o situa.

Na nossa projecção no Brasil há que vencer uma imagem estagnada e passadista (Senhores, estamos cheios de História e de folclore de campanário!) recorrendo à matéria viva de que dispomos e aprofundando experiências ou ensaiando outras. A nossa participação nas Bienais de São Paulo, reforçada de iniciativas paralelas; a nossa canção, de que Sérgio Godinho foi uma das revelações no Brasil; o teatro, de que a companhia **A Barraca** lá foi exemplo; o novo cinema e a música de Lopes Graça ou de Peixinho; algumas curtas-metragens documentais que estão nos arquivos da RTP — tudo isso, enfim, tudo isso constitui um fundo a explorar numa exportação cultural reabilitadora ao nível do grande público. Tudo isso é leitura e envolve o livro.